

N.º 1

DEZEMBRO

1880

---

REVISTA  
SCIENTIFICA E LITTERARIA

---

DIRECTORES

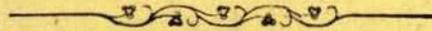
Antonio Feijó e Luiz de Magalhães

COLLABORADORES

Dr. Emygdio Garcia, Dr. Corrêa Barata, -  
Aristides da Motta, A. Feijó, J. Botelho Riley, Leopoldo Mourão, Luiz de Magalhães,  
Luiz Woodhouse, Carlos Lobo d'Avila, João Pinto dos Santos,  
A. Henriques da Silva, Manuel da Silva Gayo, Luiz Osorio,  
A. Rodrigues Braga, Eduardo de Araujo,  
etc., etc., etc.

---

Redacção e administração—Rua da Trindade, 44—COIMBRA



COIMBRA  
IMPrensa ACADEMICA

13267

SUMMARIO DO NUMERO I.º

Introdução .....	A Redacção.
A Instrucção Secundaria .....	Dr. Emygdio Garcia.
Eterno Feminino ( <i>poesia</i> ).....	J. Botelho Riley.
Os pós d'arroz ( <i>conto</i> ).....	Luiz de Magalhães.
O Olhar da Consciencia ( <i>soneto</i> ).....	Luiz Osorio.
Os Astros ( <i>soneto</i> ).....	Manuel da Silva Gayo.
Chronologia paleontologica.....	Luiz Woodhouse.
Nocturno ( <i>soneto</i> ) .....	Leopoldo Mourão.
Quadras .....	Eduardo de Araujo.
A Theologia recalcitrante.....	C. Lobo d'Avila.
Versos sem Arte.....	Antonio Feijó.
Bibliographia— <i>Primeiros Versos</i> .....	João Pinto.
— <i>O Mandarin</i> .....	L. de Magalhães.

~~~~~

NOTA

Por falta de typo proprio tivemos de retirar d'este numero um notavel calculo sobre os Isómeros do nosso collaborador A. Rodrigues Braga. O grande numero das fórmulas exigia muitos caracteres algebricos que a Imprensa não podia dispensar por agora. Removeremos este obstaculo para que aquelle artigo possa sahir no proximo numero.

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

N.º 1

DEZEMBRO

1880

## INTRODUCCÃO

Nesta zona assentam cidades das mais nobres na historia da moderna Hespanha:..... e afinal Coimbra, o centro da vida intellectual portugueza.

OLIVEIRA MARTINS. *Hist. da Civilização Iberica.*

A mais poderosa causa do estacionamento das civilizações e da morte das nacionalidades é — como a historia nol-o demonstra — a falta de actividade mental. Toda a prosperidade politica, economica, moral ou civil de um povo está na razão directa do seu avanço scientifico e litterario. Em quanto uma nação sentir vigoroso o poder da intelligencia collectiva, essa nação não morre; mas, se uma causa qualquer lhe atrophiar a força impellente e directora das grandes ideias, não tardará muito que o seu nome seja uma simples recordação na historia, e que a sua tradição seja tudo quanto nos reste d'essa vida social, que passou.

Portugal apresenta este morbido symptoma, triste e desolador. Sem o estimulo superior de uma mentalidade com disciplina e ideal, a sociedade portugueza tem gradualmente decahido, nestes ultimos tres seculos, do apogeu de uma das mais brilhantes hegemonias da historia até á estagnação absoluta dos sentimentos sociaes, que caracteriza a nossa época. E o que mais assusta nesta decadencia desgraçada é a sua lentidão, o seu vagar graduado, o seu movimento evolutivo, que parece confirmal-a irrevogavelmente.

Renascemos?

Extinguir-nos-hemos, mais ou menos proximamente, pela debilidade da nossa organização?

Eis o problema fatal que é preciso resolver.

Com tudo, uma ideia póde salvar-nos, um pensamento póde abrir futuros bem largos a este povo, que na actualidade só vive do passado — imponente como as sombras, mas vão como ellas.

Preoccupar-nos com o grande movimento social, que em volta de



nós se opéra; adquirir a consciencia nitida do que somos, do que valemos e do que podemos valer, economica e politicamente; levantar as almas abatidas pela insufflação de uma ideia nobre; desbestialisar o povo cretinisado por uma politica exploradora e por uma cathechese religiosa, grosseiramente material e fetichista:—eis algumas das resoluções heroicas, que, uma vez tomadas, poderão dar como alavancas energeticas o primeiro impulso ao movimento que é preciso, que é indispensavel suscitar no nosso paiz.

E este trabalho rude, mas glorioso, compete aos novos, á mocidade, a todos aquelles que o acaso do nascimento fez homens do futuro, contemporaneos da profunda renovação mental, cuja aurora esperançosa o nosso seculo teve a honra e gloria de ver alvorecer no seu cyclo historico.

Pela sua condição excepcional de possuir a unica Universidade do paiz, Coimbra é, mais ou menos, a mãe espiritual das gerações portuguezas. Aqui se reune a *elite* da nossa mocidade; e a par de muitas nullidades que recolhem ás suas terras ou se espalham pelo reino, munidas exclusivamente das suas cartas de bacharel, destacam de um modo notavel as individualidades de muitos, que deixam os seus nomes vinculados aos mais bellos esforços progressivos do espirito nacional.

De Coimbra tem partido especialmente o grito de dessidencia nas renovações litterarias.

O romantismo com a notavel colleção do *Trovador*, em que se encontram os nomes de Alexandre Braga, dos Serpas, de Soares de Passos, de João de Lemos, de Castro Freire; depois o lyrismo representado na sympathica individualidade de João de Deus; em seguida a reacção revolucionaria de Anthero do Quental e Theophilo Braga contra o patriarcado litterario do Visconde de Castilho; mais tarde o espirito de perfeição parnasiana, iniciado pelo vulto, agora lendario, de João Pennha, e brilhantemente seguido por Gonçalves Crespo, e o sopro fogo, victor-hugano dos versos de Guerra Junqueiro,—tudo isto teve a sua fonte numa grande academia—elevada instituição dos costumes coimbrões—que não tem palacios nem secretarias, e cujas assembleias se reúnem indistinctamente num quarto de cama ou no Choupal, na Via Latina ou num café. Esta academia chama-se o *Cavaco*.

O que se não deve ao Cavaco! Tudo quanto a litteratura portugueza tem produzido de notavel—com raras excepções—ha vinte annos para cá, teve a sua causa inicial nesta elevada academia de habitos livres e livre regimen. *Folhas Soltas, Flores do Campo, Odes Modernas, Visão dos Tempos, Poema da Miséria, Morte de D. João, Peninsulares, Crepusculares, Miniaturas, o Mario, Crime do Padre Amaro, Primo Bazilio, Comedia do Campo*, e muitas mais obras de um merecimento incontestavel, são productos de espiritos educados nas grandes discussões do convivio intimo academico, que aqui tomaram os rijos habitos de insubordinação contra o *statu-quo* dos principios officializados.

O Cavaco coimbrão é uma das mais seguras ancoras, que neste naufragio lento da nacionalidade portugueza—naufragio de agua aberta em calmaria podre — têm conseguido manter ao lume d'agua, insubmergivel, o enthusiasmo do trabalho e o valor de convicções de uma pequena, mas vigorosa parte da nossa mocidade.

E se esta ainda não conseguiu pela exiguidade de numero, e por outras razões que não vem para aqui ponderar; se esta não conseguiu erguer a patria do abatimento em que o regimen d'um monarchismo jesuitico a prostrou, sob uma influencia de mais de tres seculos — ao menos o trabalho d'estas gerações crentes e estudiosas ficará na historia da decadencia de Portugal como um vivo protesto da intelligencia contra a inepecia de um regimen, que tem o desgraçado sestro de esterilisar ou corromper todos os bons desejos e todos os esforços nobres, que um acaso feliz, mas desaproveitado ou repellido, faz germinar em torno d'elle.

Os redactores d'esta Revista não presumem que vão salvar a patria com os seus escriptos. Elles sabem muito bem que o jornal que fundam não é precisamente a Encyclopedia; e as suas certidões de baptismo seriam sufficientes para lhes provar que elles se não chamam nem Voltaire, nem Diderot, nem D'Holbach, nem Condorcet, nem d'Alembert — se alguma illusão os cegasse a este respeito. Creando a *Revista Scientifica e Litteraria*, não temos em vista outro fim que não seja o de tornarmos publica uma certa actividade mental que nos pareceu desaproveitada e esteril pela falta de um campo proprio, em que se trabalhasse livremente.

Depois da *Folha* as gerações academicas nunca mais tiveram um orgão de trabalho litterario, regular e perduravel. Alguns ensaios brilhantes e esperançosos desapareceram, sem que, as mais das vezes, se encontrasse causa a esta morte prematura.

Mas em todos os que tem vivido, sem duração ou com ella, nota-se um espirito de exclusivismo, um character particularmente litterario, que fará suppor que, na sua iniciativa particular, a mocidade academica se dedica unicamente á cultura das Bellas-Lettras—o que é absolutamente falso.

Alargar indefinidamente o ambito dos assumptos, abrir um campo de publicação são só ás manifestações da Arte, mas tambem ás da Sciencia, eis o espirito da nossa Revista—cujas ambições não são tão vaidosas que a façam aspirar á regeneração do paiz, nem tão modestas que ella se não proponha a ser o orgão de todas as manifestações mentaes da presente geração academica.

Coimbra, Dezembro de 1880.

A Redacção.

A INSTRUCCÃO SECUNDARIA EM PORTUGAL <sup>1</sup>

## I

A instrucção scientifica e litteraria, que devera ter, officialmente, experimentado em Portugal uma profunda renovação e um avantajado incremento, desde 1834, tem, apezar das bem concebidas e decretadas refórmãs de 1836 e 1844, principalmente depois d'esta ultima data, não só ficado estacionaria na sua evolução progressiva, mas até soffrido um sensível movimento de retrocesso.

Em tudo aquillo que ella deve conter de substancial e característico, de util e productivo, isto é, nos methodos, nos programmas, nos compendios, nas habilitações do professorado, na disciplina, tem descido gradualmente, aponto de attingir, em nossos dias, um estado definidamente pathologico e visivelmente anarchico.

Na *instrucção primaria* crearam-se mais algumas casas de escola nos orçamentos; mas se temos casas, não temos escolas; e as casas que existem, estão, pela maior parte, em deploravel e repugnante estado de construcção e mobilia e em pessimas condições hygienicas.

Augmentou-se o numero de professores; mas, se attendermos á sua capacidade, habilitações e miseravel remuneração, não temos professores.

Admittindo ainda que tenhamos professores, escolas e casas de escola primarias, o que ha de essencial, util e digno de se saber e conhecer que ali se ensine?

Nesses primeiros institutos de educação intellectual aprende-se, se por ventura se aprende, a ler, escrever e contar, muito imperfeitamente, com todos os vicios de pronunciação e com todos os erros de orthographia, que, por uma especie de inevitavel contagio, os professores transmittem aos seus discipulos.

Ministra-se tambem, de modo confuso e desordenado, uma ligeira e superficial *tintura* de chorographia e historia de Portugal, e, em maior dôse, o cathecismo e a historia sagrada ou antes a historia do povo hebreu.

Aqui os alumnos, que á escola primaria vão receber o baptismo

<sup>1</sup> Excerpto de um livro escripto em 1877.

da educação intellectual e moral, aprendem, logo no começo, no segundo capitulo, na segunda pagina do livro, entre muita cousa incomprehensivel e inexplicavel, — que o homem e todo o genero humano foram condemnados a trabalhos perpetuos e forçados, para expiar o *horroroso* crime commettido por nosso primeiro pae contra o Padre eterno, o crime de haver colhido, contra a ordem expressa e formal do Creador, o fructo de uma arvore!

E é com semelhantes lendas, colhidas nas tradições do velho Oriente ou antes da velha Palestina, devassa, corrompida, desmoralizada, que pretendem formar o espirito e o coração das crianças, que pretendem despertar nellas o sentimento da virtude, a consciencia do dever, o amor da patria e da humanidade!

Nós, pelo contrario, diriamos ás crianças que não lessem, que não escutassem semelhantes e absurdas lendas; e procuraríamos gravar-lhes bem no espirito, estampar-lhes na consciencia incipiente a ideia e o preceito de que o *Trabalho*, honra, gloria e esplendor da vida humana não pôde ser o castigo de um supposto crime, mas sim uma necessidade organica, uma virtude moral, uma lei universal e constante de toda a natureza, que em sua acção invariavel e indeclinavel influencia, abraça a especie humana, parte integrante da mesma natureza que a produziu, conserva e aperfeiçoa.

E é assim, em um similhante repertorio de fabulas e invenções miraculosas, producto insalubre da imaginação pervertida e do sentimento depravado de uma familia perdida da raça semitica, que esta boa gente vae, ha seculos, beber os principios do justo e as regras da moral para instruir e educar as nossas rejuvenescidas raças européas.

Poderão talvez responder-nos, — que tudo isso tem sido habilmente modificado, substituido, transformado, depurado, corrigido, augmentado e aperfeiçoado por elles; mas, por mais concertos e reparos, por mais rebocos e caiadellas, é e será sempre, e hoje mais do que nunca, o velho e arruinado edificio legendario a desabar sobre as novas gerações; nada poderá apagar-lhe no frontespicio a nodoa original. Muito embora despejem e lavam o barril, este não perderá o cheiro ao arenque.

Se por ventura querem tomar a peito, e seriamente pretendem inspirar á infancia e á mocidade o amor do bem e da verdade, e ministrar-lhes uma instrucção real, positiva e util, cessem, por uma vez, de as atormentar com essa insurdecadora e interminavel phraseologia mystica, cheia de hypocrita unccção e conpuncção sobre os suaves perfumes de fé e as ineffaveis doçuras do milagre e do mysterio sobrenatural e divino.

Ensinemos ás novas gerações a prática e a sciencia do trabalho.

Eduquemol-as por meio do exemplo; instruamol-as com o alvião, com o martello, com a charrua nas mãos.

É assim que se robustece e desenvolve o corpo, para formar, ao mesmo tempo, a intelligencia e o coração.

Em vez de lhes fazer decorar o cathecismo religioso, que ellas não comprehendem, ensinemos-lhes o cathecismo da natureza.

Depois de lhes mostrar por toda a parte, no tempo e no espaço, a extensão, a fórma, o movimento, dirijamos a sua attenção para o brilhante espectáculo dos astros, para as manifestações mais esplendidas e impressionadoras das leis physicas do mundo, para os phenomenos de acção e reacção chymica, para o quadro, tão variado e complexo, da vida vegetal e animal; e, por fim, iniciemos a infancia e a juventude no conhecimento empyrico dos factos, mais variados e complexos ainda, da vida social, deixemos-lhes intrever os ricos thesouros da sciencia, os inexgotaveis recursos moraes da humanidade.

Isto valerá mais e muito mais do que todos os cathecismos, todos os sermões sobre a *lei da graça*, sobre as doutrinas equivocadas do judeismo e da idolatria.

O conhecimento da historia não deve começar por esses contos, por essas narrações absurdas e, pela maior parte, de uma moralidade duvidosa e suspeita, formadas pelos avariados despojos das velhas legendas ou das velhas tradições de um povo.

Tudo isto, quando fosse necessario e util saber-se, viria a seu tempo, quando a idade e a critica podessem tirar d'ahi o que por ventura la houvesse de bom e aproveitavel, e repellir o muito que contém de mau e prejudicial á educação e desenvolvimento da sensibilidade e da intelligencia.

Como iniciação aos estudos historicos e sociaes, convém expor-lhes, em primeiro logar, os factos contemporaneos, que possam ser por todos observados e verificados. Ensinar á infancia e á mocidade o que é a familia em cujo seio nasceram, a cidade ou aldeia onde vivem, o municipio ou concelho a que pertencem, o districto ou a provincia e a nação de que fazem parte; em que consiste a organização do respectivo estado social e as suas relações com os outros estados, levando-as assim, de grau em grau, até á concepção da humanidade.

Mostremos-lhes primeiramente o que existe, em vez de nos cançarmos, e de as extenuar a ellas a revolver o ceu e a terra até os abysmos do inferno, para lhes fazer acreditar em aquillo que nunca foi nem existiu.

Todos affirmam e pregam que *a ociosidade é a mãe dos vicios e a inimiga irreconciliavel da virtude*: devemos, por isso mesmo, lembrar-nos que esta maxima, experimentalmente verificada e por isso scientifi-

camente verdadeira, tem como correlativo a seguinte: *o trabalho, esclarecido pela sciencia e dirigido com methodo, quando tem por fim a producção dos objectos os mais necessarios á conservação e desenvolvimento dos homens e da humanidade, é o unico gerador do equilibrio e harmonia das sociedades.*

A *instrucção primaria* só poderá vir a ser ensino real e positivo e instrumento de verdadeira e util educação, quando fôr assim comprehendido e organizado.

Por enquanto está mui longe disso: e, a respeito d'ella, podemos, com propriedade e razão, affirmar o mesmo que Siéyes dizia a respeito do terceiro estudo:

«O que é a instrucção primaria em Portugal? Nada.

O que deverá vir a ser? Tudo.»

Esperando essa nova era de transformação, melhorada, vamos entrar no estudo da *instrucção secundaria* e do seu ensino publico e official; por ser esse o assumpto que nos propozemos tractar quando emprehendermos esta publicação.

E. GARCIA.

---

## ETERNO FEMININO

Eu não venho contar as maguas triviaes  
d'uma paixão antiga; os velhos madrigaes  
lancei-os para sempre ás solidões do olvido.  
Inspira-me sómente um hymno bem sentido  
a tua magestade, ó *Feminino Eterno!* . . .

O martyr de Ravenna, o sonhador do Inferno,  
sereno, atravessando a região dos prantos,  
—na rude inspiração dos seus eternos cantos—  
levantou para ti o torvo olhar cansado,  
e abriu-te francamente o coração maguado . . .  
Tu soubeste escutar aquella enorme dôr,  
e esse grande infeliz, guiado pelo Amor,  
eil-o que sae do Inferno e vae subindo aos Ceus!

E quando no Passado as coleras d'um Deus,  
 —na densa escuridão dos tempos medievaes—  
 faziam naufragar as crenças virginaes  
 nas trevas do ascetismo,—a fraca Humanidade  
 lançava ao soffrimento os homens d'outra idade,  
 a quem nunca banhára o Pensamento Novo.  
 A mente acalorada e poetica do Povo  
 alcança-lhes o Ceu e a redempção do crime,  
 por um constante Amor, por esse Amor sublime  
 da Virgem Mãe de Deus! . . . . .

Ó criação augusta  
 e esplendida do Amor!—essa grandeza assusta!

Soffreste muito, muito, e foste Esposa e Mãe;  
 encarnaste no seio uma esperança—o Bem;  
 e tiveste o maior e o mais cruel martyrio  
 que a Mulher póde ter!

E, no entanto, um lyrio,  
 o lyrio do Perdão, celeste e immaculado,  
 abriu por sobre nós o calice nevado  
 desbordando d'Amor, de bens, de sacrificio. . .

A Mulher esquecera o infernal supplicio  
 para nos perdoar. É que através da Historia,  
 Mulher! o Sacrificio é toda a tua gloria! . . .

Coimbra.

J. BOTELHO RILEY.



## OS PÓS D'ARROZ

— Historia de uma iniciação —

(CONTO)

A ALBERTO BRAGA

Le mariage est aussi déterminé par les préférences de la femme. La femme se sent attirée vers les hommes forts—qu'il s'agisse de force physique, intellectuelle ou émotionnelle.

H. SPENCER.

O primo Roberto devia chegar naquella dia de Londres, depois de uma ausencia de dez annos.

Logo de manhã, Paulina vira os tios que iam de carro para a alfandega esperar o filho. E ao passarem por baixo da sua janella disseram-lhe um adeus affectuoso, cheios de um indizivel contentamento, de uma absoluta felicidade paternal.

Por isso, logo depois de almoço, Paulina começou a preparar-se para a recepção, e deante do *boudoir*—estofado de cassa e setim côr de rosa—procedeu minuciosamente á sua *toilette*: penteou-se, fazendo correr entre a basta cabelleira côr de castanha um fino pente de tartaruga; cobriu-se de pós de arroz, carminando os labios e as faces; arqueou a nankim as sobranceiras; frisou-se; esmaltou as unhas; e depois de vestir uma *robe-de chambre* de *faille* branco com rendas de Bruxellas, depois de encher os dedos de aneis caros e os braços de pulseiras ricas, foi sentar-se num divan da sala de visitas, no pleno gozo da sua elegancia pretenciosa, folheando um romance de Dumas filho.

Estava impaciente por ver o primo. Como estaria elle? Desde os quinze annos nunca mais o tinha visto. Roberto era então uma creança infesada, acanhadita, triste e pouco communicativa. Depois soubera que seguira em Inglaterra um curso de engenharia, e que o completára obtendo logo uma bella collocação numa companhia de caminhos de ferro da Escossia. O pae, referindo-se a elle, dizia sempre, todo orgulhoso:

—É um homem práctico!

E esta phrase soava pessimamente aos ouvidos da gentil *coquette*, no espirito da qual um *homem práctico* equivalia a um *homem prosaico*, genero que ella detestava, como leitora insaciavel de Lamartine e Feuillet.

O que a fascinava no primo era a ideia de elle vir de Londres. Londres! a patria das *ladies* glaciaes e dos *lords* millionarios! a terra

do *Hyde Park* e de *Regent Street!* a cidade do mais fino *high-life*, do mais distincto *turf*, das mais deslumbrantes equipagens, dos creados mais graves, dos joalheiros mais celebres!

E Paulina, no seu pobre espirito de burguezia mal educada, ansiava por sentir no primo a impregnação de todas estas cousas seductoras. Devia vestir-se irreprehensivelmente, com côrtes originaes; devia ser muito amavel, um conversador distincto e *fashionable*... E neste enlevo da imaginação, esquecia-se da emphase com que seu tio Diogo annunciava á familia que seu filho era um *homem práctico!*

Por fim, depois de uma longa espera, cheia de impaciencias e aborrecimentos, e em que as horas pareciam seculos, Paulina ouviu duas martelladas firmes e compassadas que echoaram por toda a casa. Era elle!

Com effeito era.

Um creado veio annunciar-o, e Paulina correu a chamar a mãe.

Quando voltou á sala, viu entre as cortinas da janella o corpo de um homemzarrão, espadaúdo como um hercules, aprumado como um pinheiro, firme nas suas duas pernas como em duas columnas inflexiveis.

O homem quando a presentiu, voltou-se e, o mais desembaraçadamente do mundo, veio ao seu encontro, estendendo-lhe os braços sem a menor preocupação de galanteio ou sensualidade, dizendo-lhe num portuguez correcto e familiar:

—Ó Paulina! Como estás exactamente a mesma! Reconhecia-te apesar de te não ver desde os teus treze annos.

E ella, perturbada por se achar assim nos braços d'aquelle homem quasi extranho, disse-lhe, cheia de um rubor subito:

—Achas?...

Nisto a mãe entrou, e Roberto abraçou-a como abraçára a filha, com toda a naturalidade de um affecto franco e limpido.

Depois sentaram-se, e, enquanto D. Marianna o apertava numa fusilaria esmagadora de interrogações, Paulina examinava vagarosamente o primo.

Achou-o interessante, sem duvida. Mas que differença do que ella imaginára?! Como estava mudado, Santo Deus! Ora fôssem lá dizer que aquelle ninguemsinho dos quinze annos se havia de tornar no latagão que se installára ali no *fauteuil* em frente, com risco de o desconjuntar sob o seu peso!

E sentia por elle uma admiração de respeito — respeito pela sua corpulencia athletica, pelo seu bello ar alegre e saudavel, pela serenidade imperturbada da sua physionomia nobre e firme, pelo seu todo de uma virilidade rara, que tinha o accento dominador e austero dos deuses olympicos.

Onde é que estava o *dandy* de *toilettes* excentricas que ella sonhára? Onde? Roberto vestia severa e correctamente um simples e distincto costume de passeio, cortado pela thesoura irreprehensivel de

Poole. Em vez do sapatinho de tacão alto do janotismo portuguez, os seus grandes pés de homem forte calçavam-se em botas de solla grossa e tacão raso, atacadas em colchetes, na ponta das quaes os furos da biqueira formavam um desenho regular e symetrico. Em vez da physionomia effeminada dos *boulevardiers* que ella admirava nos seus romances favoritos, Roberto tinha um aspecto energico e ao mesmo tempo ingenuo, que transluzia nos seus grandes olhos negros de meridional, na sua bocca grossa mas bem talhada, coberta pelo bigode crespo levantado nas pontas, no seu nariz correcto como os perfis gregos, na sua testa espaçosa e larga—que o cabello preto, curto e singelamente apartado ao meio, não amesquinhava com os frisados ridiculos do genero *coccodé*.

Em vão Paulina procurava o *col-cassé* do *gommeux*. Encontrou apenas o pequeno collarinho rectangular, grave e serio, unido ao pescoço. Em vão procurou a gravata de phantasia. Roberto trazia um simples *plastron* de setim preto, com uma pequena ferradura de ouro, cravejada a rubis. Emfim, o janotinha reles que ella sonhára, filho do *boulevard* e do café, amante de mulheres caras, dissipador, com uma divida e uma anemia,—era na realidade um sujeito robusto, forte como um touro, cheio de saude, simplesmente vestido, fresco e bem lavado, com uma bella rosa *maréchal Niel* na lapela do seu jaquetão, um grande ar intelligente e digno, onde transpirava a energia de uma consciencia—que se media em força com a energia de uma musculatura de Titan.

Conversado era o mesmo. Com um leve accento estrangeiro, mas sem pretensão, fallando correctamente o portuguez, Roberto contou toda a sua vida desde a entrada para o collegio, até á conclusão do seu curso de engenharia. Fallou das suas viagens de instrucção á França, á Hollanda e á Allemanha, do seu regresso a Londres, da sua collocação, dos seus trabalhos, dos seus amigos particulares, das suas relações, dos seus divertimentos. E em tudo, nos gostos, nos actos, na regulamentação methodica de toda aquella vida independente de dez annos, confirmava sempre a mesma firmeza de caracter, a mesma elevação de intelligencia e dignidade, o mesmo natural cavalheirismo que o tornavam um typo invejavel de homem, no meio de uma sociedade sem ideal de vida e sem disciplina de sentimentos.

Ao fim d'aquella conversa, Paulina ficára com um vago conhecimento do espirito do seu primo. Era a primeira vez que na sua vida encontrava um homem assim. Por isso começou por achal-o *original* e *exquisito*, e terminou por confessar a si propria que Roberto era um homem ás direitas.

E como não era estúpida e apenas tinha o espirito atrophiado por uma educação vulgar, cheia de preconceitos, uma educação superficial, sem destino práctico, sem fim definido, rotineira e corruptora, Paulina reconheceu que, aos olhos de seu primo—um homem tão simples e honrado—os seus pós d'arroz, o seu carmim, as suas *toilettes* de

ricaça, a sua preocupação de assumptos banaes, deviam dar-lhe um tom de frivolidade que a amesquinharia até ao ridiculo.

Foi um desfazer doloroso de illusões. Era uma luta dos preconceitos da sua má educação, que se tinham enraizado, contra uma luminosa intuição inesperada, filha de uma intelligencia, que os maus habitos d'essa mesma educação não tinham podido abafar de todo.

E nessa mesma tarde a mãe surprehendeu-a no alto terraço da casa, perdida numa meditação profunda.

---

Era ao fim da tarde de um bello dia de junho. O ceu nitidamente azul, sem a macula branca da mais pequena nuvem arqueava-se magestosamente sobre a terra como uma soberba cupula byzantina feita de uma alvenaria mysteriosa, impalpavel. Ao longe, no extremo do horisonte, o sol fraco, absolutamente rubro, caía no seio azul e frio do oceano como um craneo ensanguentado; e a extensa reverberação purpurea que elle mandava até á praia, formando sobre as aguas um largo traço vermelho, parecia a nodoa de sangue que deixam nos estrados dos patibulos as cabeças decepadas.

Do terraço gosava-se a soberba vista da Fóz do Douro; e Paulina via agora, sob o aspecto melancholico d'aquelle agonisar de tarde serena, as verduras da collina de Villar pulverisadas da luz vermelha do poente, depois o talhe aspero e anguloso da pedreira da Arrabida, e além as casarias da Fóz com a torre do pharol da Luz, erguendo o seu vulto escuro na paz azulada do ceu. Do outro lado surgiam os extensos pinhaes de Gaia, já tristes e frios nas penumbras do occaso, entre os quaes destacavam as habitações suspensas dos socalcos; e a pequena povoação varcira da Aforada com as casinhas baixas, branqueando entre as sombras das arvores que a encobrem. Em frente a lingueta do Cabedello reluzia ainda aos ultimos reflexos do sol e intercortava a faixa de luz vermelha, que d'elle corria—como uma ferida ensanguentada—até ás aguas do Douro. E em baixo, entre os dois valles, o rio arrastava imperceptivelmente a massa collossal das suas aguas, sem um ruido, com uma mansidão de gigante que descança, supportando no seu dorso poderoso toda uma flotilha de vapores e embarcações, que manchavam de escuro o sereno azul da sua superficie. Ao largo, algumas vellas branqueavam entre o azul do ceu e o azul do mar; e sobre esse esvaecer tranquillo d'um dia luminoso e bom, pairavam nos seus vôos caprichosos e rapidos bandos de andorinhas, cortando a doçura silenciosa da tarde com as notas agudas dos seus gritos estridentes.

E Paulina sentia nessa indefinida serenidade da natureza, um como calmante ás ardencias do seu temperamento exaltado de sanguinea.

Em frente d'ella aquelle espectaculo melancholico do oceano trouxera-lhe á alma uma concentração, que a predispunha para o radi-

car das resoluções honestas. A natureza dera-lhe uma das suas mais bellas lições inconscientes; e aquelle passamento tranquillo e saudosissimo do dia, imprimira-lhe na alma a forte impressão rehabilitadora, que deixa vibrando em nós a morte socegada de uma mãe carinhosa, quando lhe beijamos o rosto já frio, animado ainda por um ultimo sorriso — luminoso sorriso da mais indizível tristeza, do mais profundo mysticismo da dôr...

Nestes momentos a intuspecção do espirito é de uma lucidez extraordinaria: e muito mais se ella não constitue um habito natural ou uma tendencia de temperamento. Ora Paulina, nem por educação, nem por natureza, costumava examinar a sua consciencia. Era uma cabeça leve, instavel como uma bola de azougue, correndo impensadamente atraz de tudo o que a fascinava como uma borboleta a esvoaçar em volta de uma luz.

Por isso a mysteriosa magia do poente levára-lhe a alma nas azas serenas da contemplação muito para cima da sua região habitual de banalidades frivolas, de insignificancias mesquinhas. O grande ar do largo ceu azul, a plena luz sincera e expansiva, a vastidão sonora do oceano exhalando os balsamos selvagens do seu vasto seio creador, as brisas frescas do mar, o aspecto pensativo dos grandes arvoredos escorrendo pelas collinas como cascatas de verdura sombria, o perfil rude e brutal das pedreiras alcantiladas, e em baixo, neste berço acariciador da natureza, o sussurro da vida humana nas labutações commerciaes — sobre os navios em carga, nas fabricas negras vomitando pelas chaminés a respiração carbonisada da sua actividade, no borborinho dos caes, no movimento dos carros — tudo isto lhe infiltrava na consciencia uma especie de remorso indefinido por faltas desconhecidas, de que ella se não lembrava precisamente. Era um mal-estar moral em que Paulina percebia a germinação de uma revolta inexplicavel contra todo o seu passado frivolo.

E porque seria aquillo?

Não o sabia...

De nada a accusava a consciencia, se attentamente examinava a vida. E comtudo sentia-se vagamente indisposta contra si propria, accusava-se de um quer que fôsse que obscuramente lhe torturava a alma, como um pezar desconhecido e anônimo.

A ideia do primo cruzou-lhe então a memoria; e a recordação d'aquella nobre virilidade altiva, d'aquelle typo superior, cheio da serena consciencia da sua força e da sua honradez, veio auxiliar a emoção elevadora que a natureza, na sua imponente magestade, lhe havia inspirado.

E agora sentia-se obrigada, por uma fatalidade psychologica a um confronto de impressões e sentimentos... Era o naufragio inevitavel de toda a dourada flotilha de illusões e prejuizos, que lhe bordejavam continuamente no espirito, sem rumo algum, á mercê das pequenas tempestades dos seus caprichos nervosos!...

No fim d'um baile, na volta do theatro, no regresso de um passeio de ostentação em *caléche* descoberta, sentia sempre que a realidade ficava muito áquem das suas esperanças. Vira *toilettes* mais elegantes, tinha sido pouco reparada, notára que um seu par havia bocejado escandalosamente durante toda uma quadrilha. E em tudo um pequeno espinho de amor proprio offendido picava-lhe o goso tão desejado e planeado de uma ostentação—antecipada em esperanças côr de rosa.

Só aquella bella tarde, roubada aos mexericos das suas amigas, ao pó das ruas, ás amofinações de uma *toilette* para baile, lhe não deixava o espirito arranhado por um despeito! Desilludira-se muito, sim, mas não se despeitára. A natureza na sua reprehensão fôra persuasiva e branda como uma mãe sensata. A sua grandeza harmonica fizera antever ao espirito defecado de Paulina que havia neste mundo uma região de cousas e ideias superiores ás bugigangas do *boudoir* e á preocupação da elegancia futil. E então— a sua curiosidade de mulher aguilhoando-lhe os desejos—Paulina ambicionou de todo o seu coração ser iniciada n'esse mundo de perspectivas tão vertiginosas, que a natureza e uma intuição feliz do seu espirito lhe tinham feito descobrir.

E naturalmente a recordação da conversa, que de manhã ouvira a Roberto, dizia-lhe que só um espirito superior como o de seu primo a poderia conduzir no mar de duvidas em que se sentia balançada, perdido o leme da vontade. Porque a ninguem ouvira palavras tão sinceras; porque ninguem lhe significára, um dia, uma tão completa crença no dever, uma tão elevada noção da vida; porque nenhum homem, até então, se tinha imposto tão rude e imperiosamente ao seu espirito, na plenitude de uma consciencia satisfeita, recta e franca, e de uma espinha dorsal inflexivel como um montante de Toledo.

Todos os rapazes que a cercavam—quo a aturavam e que ella aturava— todos elles, sem excepção, eram *amaveis*: mas nenhum era franco. Todos elles se riam: mas nenhum era alegre. Todos fallavam: mas nenhum conversava. Todos se diziam cavalheiros: mas nenhum era escrupulosamente honrado. E o seu espirito percebia isto confusamente, de um modo vago—por comparações de factos e de famas.

Immediatamente uma nova curiosidade veio preocupal-a. — O que pensaria Roberto da mulher? Qual seria o seu ideal feminino? — Algumas phrases que elle soltára ao acaso, algumas apreciações singelas e rapidas davam ao espirito de Paulina indicios eloquentes a este respeito. Por exemplo, perguntando-lhe «se elle tinha visto em Paris a sua amiga Eugenia Torres? se a achára muito elegante? se fazia muita bulha no *high-life?*» Roberto respondera com um ligeiro sorriso de indifferença encolhendo os hombros:

—É uma bonequinha. Sempre a mesma cabeça ôca, pensando só no modo mais rapido de arruinar o marido.

E depois, a respeito de uma senhora ingleza das suas relações, de cujos filhos fôra companheiro de collegio, e que possuia uma bella casa

de campo nas margens pittorescas Loch-Tay na Escocia, onde estivera hospedado, Roberto dissera:

—Não imagina, minha tia, um mais perfeito typo de dona de casa. Todo o serviço dos creados está regulamentado como um serviço do Estado. Mistress Cobden está a pé ás sete horas: ás oito tem visitado a vaccaria, assistido á tiragem do leite e á confeição da manteiga; tem colhido no seu jardim as flores para a sala de jantar e para todos os quartos e salas da casa; vê os seus taboleiros dos bichos da seda: corre todos os gallinheiros; vae dar um punhado de cenouras ao *hunter* predilecto em que ella ainda hoje monta; examina se os cães foram lavados; visita a cosinha da lavoura, corre tudo, enfim, de maneira que ás nove horas todos nos achamos sentados á mesa, presidida por ella a tomar o copo de leite da manhã com meia duzia de bolachas de Peek-Frean. Á uma hora tudo está a postos para o segundo almoço, um substancial almoço de *roast beef* frio, *sandwichs*, fiambre, *plum pudding*, cerveja Pale-Ale e vinho portuguez. E quando ás cinco horas voltamos a casa já mistress Cobden nos espera no confortavel salão do *rez-de-chausée*, com uma simples *toilette* de verdadeira *lady*, a sua touca branca, tão branca como os seus cabellos todos em aneis, os olhos na ponta do nariz, folheando o seu eterno Walter Scott e o seu nunca bastante lido Charles Dickens. A seus pés resona pachorrentamente o *setter* favorito. Conversa comnosco em tudo e de tudo, sempre satisfeita e feliz da satisfação e alegria de seus filhos. Passa-se com ella uma hora encantadora, não imagina, tia! Tem uma conversa para cada um, e ninguem se enfada a seu lado, ninguem boceja emquanto ella falla. Ao fim do jantar a conversa recomeça, e toda a noute em volta de uma mesa cheia de jornaes, livros, albuns e revistas, mistress Cobden sustenta um serão delicioso, anima os dialogos, põe todos na mais doce cummunicabilidade do mundo, e os seus filhos, os seus hospedes e todas as demais pessoas, que ella recebe á noute, retiram perto da uma hora, cheios da mais funda das sympathias por aquella boa senhora de uns setenta annos tão energicos e agradaveis. Nunca recordarei sem saudade os meus bons dois mezes de Palms-Land... —

E Paulina presentia que as filhas de mistress Cobden deviam ser talvez, aos olhos de Roberto, muito superiores a ella. Não se levantariam ao meio dia; não ficariam horas esquecidas deante do toucador, estofado como um ninho. Deviam ser talvez como duas antigas companheiras de collegio d'ella, duas inglezitas espertas e desempenadas, de habitos um tanto estoicos para o seu sexo, e que faziam rir Paulina e as outras meninas portuguezas com os seus passeios de tres leguas, os seus banhos frios e a sua *toilette* tão restricta que tinha por unico cosmetico um frasco de rhum e quina de Atkinson.

Seriam estas mulheres activas, occupadas nas suas obrigações caseiras, d'habitos simples e *toilettes* singelas, estas mulheres de raciocinio frio, methodicas até nas suas mais fundas affeições, espiritos para

os quaes o trabalho é uma fatalidade organica, e a ordem um dever sagrado, seriam estas mulheres aquellas d'entre as quaes Roberto viria a escolher um dia uma companheira dedicada para a vida?

—Talvez—pensava ella. E pensava-o tristemente, porque lhe parecia que, possuido por outra, Roberto não poderia, como ella desejava, ajudal-a no proposito de combater os preconceitos da sua educação viciada —preconceitos que presentia apenas, que reconhecia vagamente na confrontação da sua vida inutil e immethodica, com a vida, tão sabiamente distribuida em occupaões serias, da sympathica mistress Cobden.

E, inconscientemente, um ciúme occulto começou a morder-lhe o coração.

(Continua).

LUIZ DE MAGALHÃES.

---

### O OLHAR DA CONSCIENCIA

Eu vejo no rugir que á noite desentranha  
a negra tempestade em rude cataclysmo,  
e d'esse fundo Olhar no seductor abysmo,  
não sei que vaga luz d'analogia estranha!

Rebentam mil trovões na crista da montanha;  
crusam-se raios mil no extremo paroxismo;  
parece que a tormenta em cego fanatismo  
não amortece nunca em sua brava sanha!

Mas, volvida a manhã, o ceu torna-se puro,  
respira-se melhor á luz que ella irradia,  
e avulta dentro em nós a espr'ança no futuro.

A luta da Consciencia, é luta que alumia:  
tambem do seu olhar—fitando um ponto escuro—  
esplende um novo sol e surge um novo dia!

Coimbra.

LUIZ OSORIO.

---

## OS ASTROS

(Schubert)

Na larga placidez das noites boreaes,  
na monotona côr dos gêlos anilados,  
vagueam, perpassando, uns vultos ideaes  
ao clarão do luar, nos montes escalvados.

Os lendarios heroes, envoltos no mysterio,  
caminham, percorrendo as grandes solidões  
como Kanut, o vil;—e, em seu aspecto sério,  
os vultos femenis das pallidas visões

parecem renascer do beijo luminoso  
que alguma estrella deu na candidez da neve...  
Tudo isto nos recorda, em modo silencioso,

essa noite do Norte immaculada e leve.  
E Schubert, contemplando a abobada estrellada,  
fez d'esse rebrilhar uma harmonia alada...

Coimbra.

MANUEL DA SILVA GAYO.



## CHRONOLOGIA PALEONTOLOGICA

(Traços geraes)

Desde que o globo terrestre, irradiando continuamente calor para o espaço, se tornou sufficientemente frio para que os vapores aquosos, dispersos na atmosphera, podessem ser condensados e precipitados sobre a sua superficie,—as chuvas que resultaram d'esse resfriamento, inundando toda a superficie do globo, já endurecida, formaram o primeiro mar, um mar sem limites, mas cuja composição não devia ser muito differente da dos mares actuaes. Constituido o primeiro mar, começou immediatamente a acção chimica e mechanica das suas aguas sobre as formações primitivas, depositando-se os sedimentos, que compozeram os terrenos neptuninos; mas a condensação do planeta e a acção da materia incandescente que elle encerrava, mal coberta ainda pela tenue

capa das rochas primitivas, não permittiu que o deposito sedimentar se effectuasse da mesma fórma e completamente por todo o globo. Deprimiu-se em certos pontos a crusta terrestre para se levantar em outros, umas vezes com um movimento secular, outras com um movimento relativamente rapido. As aguas, profundas em certos logares, mais adiante deixavam a descoberto a terra; levantavam-se as ilhas e cavavam-se as bacias, e o mar, continuando a sua acção insignificante em uns sitios, energica em muitos, desaggregando e corroendo as rochas, transportando e depositando materiaes, entulhava de novas camadas o fundo dos valles.

A deposição dos estratos foi portanto necessariamente irregular, e, como este phenomeno não se effectuasse ao mesmo tempo e do mesmo modo em toda a parte, é claro que a estratificação, a disposição relativa dos bancos e das camadas não pôde ser completa em qualquer sitio. D'aqui resulta que, na classificação dos terrenos por ordem successiva de formação, que a geologia nos fornece, é indispensavel, em geral, suppor intercalado o maior numero dos termos da serie, quando essa classificação se applica ao estudo geologico d'um logar. Mas a série dos estratos nunca se encontra completa. Horisontaes sempre a principio, podem muitas vezes estar deslocados da sua posição natural, apresentando-se verticaes, inclinados, ondeados ou quebrados. É uma consequencia forçada dos movimentos do sólo.

Muitas vezes encontram-se falhas que alteram a concordancia das camadas e mil outras irregularidades.

Os terrenos de sedimento consistem pois em uma enorme successão de bancos, differentes em origem, em natureza, em estrutura e em estratificação; concordantes umas vezes, mas muitas outras deslocados, quebrados e irregulares.

Como classificar estes terrenos, cada um dos quaes representa o trabalho das forças naturaes em um longo periodo geologico? Não é d'uma classificação mineralogica que se trata. Nem o caracter mineralogico pôde ser base de classificação, desde que a geologia provou que os materiaes constitutivos das camadas se succedem caprichosamente. Trata-se de collocar os terrenos pela sua ordem de formação. O caracter stratigraphico por si só como temos visto é insufficiente. Como completal-o? Desde que a theoria das catastrophes foi posta de parte; desde que se reconheceu que as commoções do globo e a acção lenta, mas persistente e poderosa das forças naturaes, podiam deslocar e quebrar os bancos, levantar montanhas e cavar bacias; que as aguas podiam correr os continentes, mas que a vida não se extingue, não se interrompe; desde que a paleontologia nos mostrou através dos seculos passados os termos principaes das séries animal e vegetal, indubitavelmente era esta sciencia o auxiliar indispensavel para a disposição em série chronologica das differentes épocas geologicas.

O estudo individual e comparado das camadas, juntamente com o dos fosseis que ellas encerram, a fauna e flora das differentes épocas

geologicas, eis os documentos e os dados seguros para a historia do globo.

Não será por annos nem por seculos, que se poderão medir os extensissimos periodos d'esta historia, mas por centenas e milhares de seculos. Precisar comtudo as datas, apontar algarismos será sempre um trabalho difficil, engenhoso é verdade, mas raras vezes digno de confiança; cingimo-nos por tanto quasi sempre a uma simples coordenação, fixando no tempo a posição relativa de cada periodo, limitando-o e caracterisando-o quanto possivel seja, e nada mais.

Temos, pois, para a formação da chronologia paleontologica, de estudar simultaneamente os documentos fornecidos pela stratigraphia e pela paleontologia.

Pondo de parte os primeiros periodos estranhos á chronologia do homem, comecemos a determinar em rapido esboço, as relações geologicas e paleontologicas a partir da época terciaria.

Qualquer que seja o valor das descobertas de Mr. Desnoyers nos jazigos pliocénos de St. Prest, e de Mr. Bourgeois no calcareo de Beauce, é facto haver quem julgue sufficientes as provas que attestam a existencia do homem terciario.

É quanto basta para nos interessar o estudo d'este periodo.

O periodo terciario comprehende tres épocas: eocéne, miocéne e pliocéne. A fauna e flora indicam uma temperatura menos elevada do que nas épocas anteriores. A temperatura tropical das latitudes médias, decresce constantemente desde a época eocéne até á ultima época d'este periodo, em que devia concordar com a média actual.

O terreno terciario médio é caracterizado pelo *masthodont* e pelo *dinotherium*; o superior pelos seus *elephantes*, *rhinocerontes* e *hippopotamos*.

Para os fins da época terciaria, segundo attestam os documentos geologicos, teve logar um phenomeno notavel, que até hoje ainda não obteve uma explicação satisfactoria.

Arrefeceu o hemispherio boreal.

Geleiras enormes descendo das montanhas encheram os valles e cobriram grande parte da Europa, Asia e America septemtrional. A temperatura da nossa zona tornou-se glacial.

A esta época glacial, excessivamente longa, succedeu uma época de temperatura mais elevada, até que houve uma segunda invasão das geleiras. Com a segunda invasão termina esta época. A temperatura elevou-se de novo e começou o periodo quaternario.

A elevação da temperatura produziu a fusão dos gelos, a inundação da época do diluvio. Torrentes d'agua de enorme volume, de força e velocidade prodigiosas, rasgaram os valles e inundaram as planicies. D'esta epocha datam os nossos rios, insignificantes restos das torrentes diluvianas.

Depois d'estes phenomenos a temperatura subiu proximamente até á média dos nossos dias, as geleiras recuaram até aos seus limites actuaes e começou a epocha presente.

Entre os animaes que habitaram o nosso sólo no principio da epocha quaternaria, uns cessaram de existir — animaes extinctos; outros fuggindo ao clima, habitam hoje outras regiões — animaes emigrados; outros conseguiram perpetuar-se até á epocha actual — animaes actuaes.

O mais forte e mais commum dos animaes extinctos era o *mamouth*. Propagou-se prodigiosamente no principio do periodo quaternario, quando o cercavam todas as circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento. De uma organização adequada a um clima ainda frio, o augmento constante de temperatura desfavorecia-o singularmente, e esta modificação do meio que se levantava contra elle, attrahia ao mesmo tempo outras especies carnivoras, que encontrando condiçõs de prosperidade lhe disputavam o terreno, desenvolvendo-se e multiplicando-se.

Nesta lueta pela vida o *mamouth* tornou-se cada vez mais raro, até que desapareceu completamente.

Seguiu-se uma epocha intermédia, em que o *mamouth*, já raro, não estava completamente extinto, e em que começa a ter importancia o logar occupado pelo *rengifer*, cujo desenvolvimento caracteriza a ultima epocha quaternaria.

Finalmente, a temperatura sempre crescente obriga o *rengifer* a abandonar as nossas planicies, e procurar um clima favoravel nas regiões arcticas, enquanto que outras especies contemporaneas, expulsas tambem pelas modificações climatericas, procuram as regiões elevadas dos Alpes e dos Pyreneus.

Eis aqui, neste ligeiro esboço, como os documentos paleontologicos e geologicos nos permitem collocar parallelamente os factos que constituem a série das transformações do nosso globo e os termos capitaes d'essa outra série, constituida pela successão das fórmas.

Os elementos da chronologia paleontologica, são pois dados pela geologia e pela paleontologia. Na applicação da chronologia ao estudo do homem, podemos ainda lançar mão de um elemento de ordem differente: o que nos fornece a archeologia prehistorica.

O conhecimento dos metaes é relativamente moderno. O homem primevo utilisara no fabrico das suas armas, ossos, dentes e principalmente o silex, o que levou a dar o nome de idade de pedra ao longo periodo que precedeu o conhecimento dos metaes, e que abrange quasi inteiramente a existencia da humanidade. O modo de talhar o silex e a fórma das armas deviam necessariamente variar. Ora, assim como a paleontologia, pelo exame d'uma especie caracteristica, póde reconstruir completamente uma fauna e determinar uma antiguidade, assim a archeologia escolhe para distinguir as suas diversas edades o instrumento caracteristico de cada uma.

O numero e a extensão d'estes periodos não se podem determinar rigorosamente, porque a industria do silex podia estar ao mesmo tempo diversamente desenvolvida em differentes logares, e d'aqui resulta que as datas estabelecidas pela archeologia prehistorica, nem sempre concordam rigorosamente com as fornecidas pela geologia e paleontologia.

No emtanto, debaixo d'um ponto de vista geral, é possível delinear algumas edades do periodo archeologico.

Distinguem-se duas edades de pedra, a *paleolithica* e a *neolithica*. Tres typos principaes de instrumentos de silex caracterisam a primeira idade, o typo St. Acheul, o typo Moustier e o typo Solutré.

Ao typo St. Acheul pertencem as armas de silex volumosas, mais compridas do que largas, terminadas em ogiva e toscamente trabalhadas em ambas as faces. Encontram-se nos jazigos da idade do mamouth.

O typo Moustier é uma lança de fôrma semelhante á anterior, mas tendo uma das faces formada pela eliminação d'uma lasca de silex por uma só pancada. É uma arma plano — convexa. Esta arma começa a apparecer no principio do periodo quaternario e caracteriza a segunda epocha, durante a qual se torna vulgar.

O typo Solutré pertence á terceira epocha, correspondendo aos tempos do *rengifer*.

E' uma arma menos massiça e muito melhor trabalhada do que as anteriores. Na epocha da decadencia do *rengifer* começam a apparecer as armas de pedra polida, e este progresso na industria do silex marca o principio da idade neolithica. A introdução da pedra polida coincidindo com a emigração do *rengifer*, põe termo aos tempos paleontologicos e inaugura a epocha moderna dos geologos. Domesticam-se o cão e o cavallo, muda completamente o estado social do homem, que funda as primeiras sociedades pastoraes e agricolas.

Eis aqui muito em resumo as tres ordens de elementos, de cuja combinação resulta a possibilidade de se determinar a antiguidade d'uma estação prehistorica.

Coimbra.

LUIZ WOODHOUSE.

---

## NOCTURNO

Nas crenças ideaes d'um sonho puro,  
nas delicias sem fim d'amor ardente,  
em altar grandioso e bem seguro  
te hei visto refulgir constantemente.

E ás vezes, se, alta noute, em ceu escuro,  
onde não brilha um astro resplendente,  
se perde a tua imagem no futuro,  
coberta por um veu, funebremente;

logo, juncto de mim, fagueiro e triste,  
ouvindo o coração com que sentiste  
gratissima illusão d'alma saudosa,

contemplo o teu olhar angustiado  
como chuva de pranto gotejado  
de longinqua paragem luminosa...

Coimbra.

LEOPOLDO MOURÃO

## QUADRAS

.....  
Agora é noite cerrada,  
reina o silencio no ar...  
cobre a calvie dos montes  
o solideu do luar.

Com seus capellos, as arvores,  
de verde coloração,  
parecem graves doutores  
fazendo uma preleção.

E se a lua lhes derrama  
brilhantes raios a flux,  
são livros de folhas verdes  
encadernados em luz.

Apenas a paz perturbam  
do espaço, lubricos beijos,  
e dão, no azul, as estrellas,  
a sensação de bocejos.

Convulsamente enlaçadas,  
as folhas dos arvoredos,  
fazem confissões d'amor  
entre eroticos segredos.

A lua, etherea tonsura  
aberta no firmamento,  
deixou-se envolver de nuvens  
n'um desleixo somnolento...

Como depois d'uma orgia,  
coberta de palidez,  
a odalisca desmaiada,  
succumbe de languidez,

— a Natureza vencida  
pelo morbido canção,  
deseja por fim lançar-se  
do somno ao molle regaço...

E ás rubras portas do Oriente,  
a alvorada appareceu,  
qual rosa de luz e purpura  
desabrochada no ceu.

EDUARDO D'ARAUJO.

## A THEOLOGIA RECALCITRANTE

## A proposito do padre Senna Freitas

«Vai publicar-se uma *Revista Scientifica e Litteraria* redigida pelos srs.....

Ha de sahir fresca.»

A ORDEM, jornal religioso.

Foi assim, com esta phrase d'um plebeismo chilro, que recebeu o annuncio da publicação d'esta Revista, a mui piedosa folha, em que a fina flor dos jovens theologos de Coimbra exhibem, a um tempo, a pureza das suas crenças e a impureza da sua educação.

Não é para justificar a antecipada hostilidade com que nos honraram os esperançosos clérigos da *Ordem*, que vimos occupar-nos por um pouco das afirmações estolidas e, algumas vezes calumniosas, que ao conhecido padre Senna Freitas approuve condensar num artigo mirífico, que o *Progresso Catholico*, de Guimarães, publicou no seu numero de 30 de novembro d'este anno.

Não; que a *Ordem* se desengane: as suas furias contra nós—e este nós aqui não significa a humilde pessoa do obscuro signatario d'este artigo, mas refere-se a todos os rapazes novos que têm a insensatez de preferir a leitura dos sabios modernos ao convívio com as velhas toupeiras das sachristias—as furias da *Ordem* contra nós nem nos indignam nem nos commovem: alegram-nos simplesmente. Porque, com franqueza, não ha nada mais risivel do que a epilepsia theologica que grassa por esse paiz, e de que a supra-citada *Ordem* é um dos symptomas mais característicos.

Vamos dar um momento d'atensão ao artigo do padre Senna Freitas, porque nesse famoso escripto, em que se ostentam as galas anachronicas dos classicos sermões d'aldeia e se pompeiam os primores d'um portuguez com agua benta, revela-se tambem uma ignorancia tão crassa das ideias mais vulgares e dos principios mais elementares da sciencia moderna, que bem se póde interpertrar essa ignorancia insolita por uma insigne má fé que pretende insinuar-se cavilosamente nos espiritos debeis e pouco illustrados, adulterando ideias e calumniando individuos.

Promettemos conservar a mais calma serenidade na rapida analyse, a que vamos proceder, da reverenda prosa do sr. Senna Freitas. As phrases sonoras, assopradas d'uma rhetorica tumida e sedija, com que o conspicio sacerdote anathematiza o progresso e as ideias modernas, não nos irritam nem nos exaltam. O que nos ha de custar —

mas promettemos empenhar todos os nossos esforços para o conseguir — é a manter, perante as balofas declamações irrisórias e as phrases pretenciosamente empoladas do escriptor tonsurado, a seriedade que de nós exigem a natureza d'esta publicação e o respeito para com os seus leitores.

O titulo do artigo do padre Senna Freitas é o seguinte: — *O Ensino atheu e o Governo Portuguez.* — Começa elle por um arrasoadado solemne em que se pinta com as mais negras tintas o abysmo tenebroso em que vai a despenhar-se a sociedade actual. Para darmos aos nossos leitores uma ideia do stylo rocóco do reverendo escriptor, basta-nos transcrever as tres ou quatro primeiras linhas do seu artigo: — «*A onda sobe sempre. O desideratum dos nihilistas do pensamento vai-se realisando como o dos da politica, com a sinistra velocidade da labareda.*»

É uma trovoada de palavrões varios ribombando tetricamente aos nossos ouvidos, e deixando-nos completamente atordoados. Mas — notemol-o bem — não é uma trovoada especial fabricada pelo sr. Senna Freitas: é a velha e conhecida trovoada que se tem repercutido em todos os jornaes catholicos, desde o *Bem Publico* até á *Palavra*. É que o sr. Senna Freitas, afinal de contas, embrenhado nas subtilidades da sua ronqueira theologia, e envergado na sua negra sotaina de jesuita, acaba por não se distinguir do mais reles e inepto sachristão, d'esses que gatafunham necedades orthodoxas nas folhas piedosas de Braga e Coimbra.

Até aqui temos o prosador soporifero, assoprando phrases ôcas e banaes. Agora vamos observar com mágua o deploravel desvio d'um espirito enfermigo que, suffocado pelo jugo de doutrinas absurdas, não recua deante de meio algum para deprimir e desautorisar os sectarios de principios diversos dos seus.

Tractando do *ensino atheu*, de que no tituló do seu artigo promete occupar-se, o sr. Senna Freitas exclama indignado: «*Saiba-o o publico que o ignora, saiba-o o governo que finge ignoral-o, saibam-n'ó sobretudo os paes de familia, que não devem ignoral-o; em Portugal, no reino fidelissimo (ó ironia amarga) está-se ensinando do alto da cadeira de professor o mais radical positivismo, ou mais claro, o atheismo!!*»

Peza-nos sinceramente, que seja o sr. Senna Freitas, um homem que devia ser illustrado, o auctor do livro — no *Presbyterio* e no *Templo* — livro que, tendo um ponto de vista falso, tem com tudo paginas escriptas primorosamente, que seja elle quem traçou o periodo que ahi fica. Mas é que não foi o sr. Senna Freitas que escreveu essas linhas — foi o padre, foi o lazarista.

O sr. Senna Freitas deve saber que o positivismo não é o atheismo, que Augusto Comte estabelecendo o methodo experimental como o unico aproveitavel para a investigação scientifica, e relegando para uma zona defesa as questões de causa, a que de salto queriam chegar

os *metaphysicos* e os *theologos*, não negou nem affirmou Deus. O padre, o jesuita é que fingiu ignorar isto, e com o fim de desacreditar uma eschola que pela clara e nitida exposição das verdades scientificas, solidamente estabelecidas sobre a base da observação e da experiencia, tira o velho prestigio lendario aos dogmas e imposições auctoritarias da Egreja, não hesitou em deturpar sem pudor uma cousa elementar, que todos conhecem, buscando actuar nos animos pueris e especulando com as crenças ingenuas das familias.

Como exemplos de ensino atheu, cita o sr. Freitas os cursos que fazem Theophilo Braga «na cadeira de litteratura da Eschola Polytechnica de Lisboa» (sic) e o dr. Garcia na Universidade de Coimbra. Sem notarmos o conhecimento que aqui revela o reverendo articulista da organização do ensino official no nosso paiz, collocando a cadeira de litteratura do Curso Superior de Lettras na Eschola Polytechnica, não podemos deixar de observar com tristeza que ha nesta reverenda asserção uma lastimosa calumnia.

Nunca ouvimos as prelecções de Theophilo Braga, mas sabemol-o proselyto da eschola positiva, e, portanto, nem atheu nem deista. Quanto ao dr. Garcia podemos asseverar que a affirmação do illustre jesuita é um aleive, que só a cegueira do fanatismo ou doblez da hypocrisia podiam levar o sr. Senna Freitas a escrever, elle, que ainda ha pouco ouviu na sua aula o dr. Garcia.

Este illustrado lente da Universidade não só não é atheu no que expõe do alto da sua cadeira, mas não consente que na sua aula se ventilem sequer questões religiosas, e mais d'uma vez o tem feito observar a alguns dos seus discipulos qua tentavam tratar ali d'esses assumptos. O que elle faz é educar os espiritos juvenis na comprehensão justa e clara do verdadeiro methodo scientifico para que os seus trabalhos na investigação da verdade sejam proficuos, e oriental-os de fórmula a que elles sejam uteis e prestadios na vida práctica, e saibam encarar lucidamente o mundo e a sociedade, e compenetrar-se do que lhes impõem os seus deveres e os seus direitos. Desvia-os dos devaneios illusorios e perniciosos d'uma metaphysica esteril e d'um sentimentalismo morbido, que foram a causa de haver *falhado* a geração que nos precedeu, e lança-os na estrada ampla e vasta que traça ao homem moderno a verdadeira philosophia.

Eis o crime do dr. Garcia. Não transige com superstições fanaticas nem com as velhas tradições theologicas. Quer emancipar a mocidade d'esse falso ambiente suffocador e depressivo em que ella até aqui tem respirado.

A seita negra não lh'o perdôa, e não perde ensejo para o crivar de epithetos injuriosos e de insinuações villãs. Tartufo já se tem transformado em Paschino e tem vindo para o meio da rua, de batina arregaçada e voz raivosa, insultar o dr. Garcia. A sua propaganda luminosa e serena, feita em pleno do dia, e com uma austeridade inquebrantavel, perturba e desconcerta os môchos das sachristias. Todos,

desde os mais abalisados até aos mais obscuros d'entre os da confraria piedosa, têm sahido a terreiro contra elle.

Uma vez, foi um luminar do clero que do alto do pulpito da Sé de Coimbra verberou o positivismo e a sua propaganda, com allusões transparentes ao dr. Garcia. Este provou que o aranzel do pretendido oraculo era um mero plagiato d'um insignificante livro francez. E atraz d'este infeliz antagonista veio um enxame de detractores que não têm conseguido senão robustecer e afirmar mais a reputação do eminente professor.

Chegou agora o turno do padre Senna Freitas. Não lhe damos os parabens por ter entrado nesta cruzada ingloria. E, sobretudo, deploramos que elle não saiba conter a sua linguagem, e que se rebaixe ao extremo desgraçado de escrever que a propaganda, que lhe não agrada, «é infame, simplesmente infame.» Sr. padre Senna Freitas pôde-se ser intolerante e não se ser descortez. Ser ambas estas cousas, é excessão de fanatismo.

A conclusão do artigo do sr. Senna Freitas é a de desejar que Portugal volte ao tempo de D. Manuel. Se os desejos do reverendo escriptor fossem os de ver volvido o nosso paiz ao esplendor aureo a que attingiu naquella epocha, e de que hoje está infelizmente tão decahido, nós acompanhavamol-o sinceramente nos seus votos. Mas o nosso esplendor de hoje não podia ser o que alcançámos no tempo do monarcha venturoso. O homem actual não podia ser simplesmente o navegador andaz dos seculos XV e XVI, como parece quizera o sr. Senna Freitas. Mas o que este sr. nos prova com o final pathetico do seu escripto é que para que as suas ideias e as da sua eschola viçem e prosperem, dominando os espiritos e avassallando as consciencias, — é indispensavel que voltemos tres seculos atraz, pelo menos.

Tem razão, sr. Senna Freitas. O sr. e os seus vivem mentalmente na esperanza irrealisavel do retrocesso. No seculo XIX os senhores e as suas ideias são apenas um anachronismo.

CARLOS LOBO D'AVILA.

---

### VERSOS SEM ARTE

— «Levanta-te, coveiro. O dia vem rompendo,  
e o dia é para mim um pesadelo horrendo.

Eu adoro o silencio e as noites estrelladas  
para dar expansão ás máguas suffocadas.

---

Antes que a Aurora innunde as bandas do Levante,  
na sua grande pompa e gloria triumphante;

antes que o Sol estenda ao concavo celeste  
o tecido de luz que a Natureza veste,

acaba de repente o somno entorpecido...  
Eu quero ajoelhar n'um tumulo querido,

murmurar uma prece,—alli, quasi de rastros—  
que faça estremecer o coração dos astros!...»—

A noite era d'abril, serena e luminosa...  
O luar desmaiava as petalas da rosa.

A viração movia os ramos da floresta,  
gemendo uma canção harmoniosa e mêsta...

—«Que espectro sepulchral ou sombra mysteriosa,  
perturba a grande paz da estancia religiosa?»—

O luar envolveu na onda assetinada  
o coveiro senil de face acobreada.

Respondi-lhe, encarando o seu aspecto vil:  
—«Eu não venho chorar o rosto fênel

d'estremecida amante ou adorada esposa,  
mas quero ungir de pranto a cova onde repousa

—n'esta immensa mudez sombria que me espanta—  
aquella grande Mãe que foi piedosa e sancta...»—

—«Já te conheço; vem.»—E fui, machinalmente.  
O coveiro mostrou, com gesto indifferente,

um simples mausoleu humilimo e singelo.  
Fiquei absorto e mudo e respeitoso... Ao vê-lo,

sentí que me abrasava a lagrima nevada,  
como se o pranto fôra a mágua condensada,

Apossou-se de mim um pensamento louco...  
No azul, iam morrendo os astros pouco a pouco...

E disse, quando a Dôr pôde a final suster-se:  
— «Enganas-te, coveiro, e illudes-me tambem;  
¿quem ha de acreditar que possa aqui conter-se,  
na estreiteza da cova, um coração de Mãe?»—

ANTONIO FEIJÓ.

---

## BIBLIOGRAPHIA

### I

#### PRIMEIROS VERSOS, por Luiz de Magalhães

Em Coimbra a uns periodos de muita actividade scientifica e litteraria succedem-se outros d'um trabalho tam lento e tam pouco consciencioso, que parece não se ligar nenhuma importancia ao estudo das questões que lá fóra agitam a opinião.

E' uma especie de hybernação das gerações academicas. Nestes ultimos annos, pouca vitalidade se tem mostrado.

Em quanto, no estrangeiro, as modernas concepções scientificas revolucionavam a philosophia, substituindo aos systemas pessoaes uma vasta synthese da natureza e convertiam a litteratura numa sciencia experimental d'um vasto alcance para o estudo da historia da humanidade, os nossos philosophos e litteratos continuavam a vêr as cousas ao modo antigo.

Raciocinavam escolasticamente e adoravam o Olympo com o seu Jupiter Tonitroante, com a sua Venus de espuma, a quem davam o braço para os acompanhar numas correrias vertiginosas atravéz dos campos das visualidades e sentimentalismos.

Actualmente, porém, as cousas parecem seguir um rumo mais seguro e elevado, porque a geração moderna vae mostrando enthusiasmo pelos estudos philosophicos que necessariamente hão de influir nas suas concepções artisticas e litterarias.

E quer se decida pelas conclusões da nova philosophia, quer permaneça agarrada ás antigas theorias, em todo o caso, ha uma lucta, d'onde resulta sem duvida a elevação do nivel intellectual.

Esta alteração reconhece-a quem comparar os trabalhos poeticos, d'ha uns annos, com os que têm sido publicados nestes ultimos tempos.

Os poetas d'então viviam num mundo ideal, florianesco... puxavam a martello o sentimento... tinham imaginação infantil e divertiam os serões de familia.

Os d'hoje sentem vivamente, mas sabem abstrair e generalisar as impressões que lhes produz a contemplação da natureza e o estudo da ordem social.

Os «Primeiros Versos» de Luiz de Magalhães, ha pouco publicados, confirmam as asserções que acabamos de expender.

Ao lel-os, não se soffre o desgosto de vêr *fazer* sentimento e phantasiar mundos infantis.

As suas poesias são bellissimas concepções, envasadas numa fórma primorosa. Têm o brillantismo da eschola moderna, mas não se esquivaram aos seus defeitos que consistem principalmente numa adjectivação que nem sempre se entende muito bem.

Seja, porém, dito de passagem, prefiro não *perceber* uma imagem nova, excentrica, a ouvir umas comparações triviaes, de que os prelos têm já feito não sei quantos centenares de edições.

Os estudos philosophicos, a que Luiz de Magalhães de preferencia se dedica, têm levado o seu espirito á cultura, principalmente da poesia scientifica.

Este genero de poesia parece, á ultima hora, atacar os nervos de muita gente que não devia seguir opiniões tam desarrasoadas, se reflectisse bem sobre o assumpto.

Na *Revista de Philosophia Positiva*, correspondente aos mezes de novembro e dezembro de 1880, aventa Wirouboff uma opinião que devéras maravilhará os positivistas.

«A poesia, diz elle, não póde e não deve ser, nem philosophica nem politica nem scientifica, porque deve, primeiro que tudo, inspirar-se da arte e não do saber exacto.»

É uma das taes phrases, cujo *merecimento* está em não serem percebidas! Se a arte ha de seguir as evoluções da sciencia, exprimindo a vida das diversas epochas porque passa, não se comprehende bem como a poesia possa deixar de ser scientifica e mais ou menos exacta.

Esta concepção de Wirouboff ficava de molde á poesia, quando o ser poeta era uma prenda, muito apreciavel, para entreter as longas noutes dos paços reaes. Mas hoje que as idéas philosophicas exerceram profunda influencia nas artes e na litteratura, tornando-as experimentaes, custa a crêr que um homem tam eminente siga opinião tam infundada.

Não insistimos na refutação d'este escriptor, porque das reflexões que vamos fazer a um artigo, publicado no *Diario da Manhã*, de 9 de novembro, se tiram argumentos que mostram de sobra a falsidade da sua proposição.

O critico do *Diario* sem ter lido Wirouboff, segue comtudo a mesma

opinião. Odeia a poesia philosophica, como os morcegos a luz; e no seu horror pronunciado, investe contra a *innovação* e declara «que um poeta não póde nunca ser um pensador!!.»

Se a alma de Camões (para não incommodar os estrangeiros que devem estar agora muito tranquillamente) podesse, lá nas outras paragens, ler o *Diario da Manhã*, de certo se irritaria contra taes criticos que á fina força querem roubar-lhe uma das glorias que o enaltecera.

Ou foi poeta e então, segundo o critico, não soube nem historia, nem medicina, nem astronomia, nem zoologia, nem nautica, etc., etc., o contrario do que se provou com bons documentos por occasião do centenario, ou foi pensador, e neste caso, os seus *Lusiadas* serão uma boa encyclopedia, mas nunca uma epopêa e muito menos uma epopêa notavel.

Felizmente o grande poeta poderá continuar tranquillo, porque a theoria que lhe extorquia uma de suas glorias, é privativa d'uma minoria insignificante!

Nem o critico grangeará proselytos com as arithmeticas e fórmulas chemicas, com que pretendeu resolver a questão!

Se julga que a poesia philosophica se propõe a «exprimir como 2 e 2 são 4, como se ha de baixar uma perpendicular sobre uma recta dada, como é que o acido sulphurico caindo num vaso contendo zinco mergulhado em agua deixa no fundo do vaso  $\text{SO}_4\text{Zn}$  e faz evolar  $\text{H}^2$ !»; se julga isto, fórma uma idéa erronea da poesia moderna.

Nem ha, no livro de versos de L. de Magalhães, nenhuma poesia em que por tal fórma se desça a minuciosidades, que podesse dar logar a que o auctor do artigo mostrasse em fina ironia os seus conhecimentos de chimica.

Foi luxo de erudição que só teve a *vantagem* de o prejudicar!

A poesia moderna, como diz Schlegel, fluctua entre as saudades do passado e o presentimento do futuro.

A primeira parte já se realisou na primeira evolução do romantismo, em que se constituiram as tradições medievas.

Resta, portanto, á poesia d'hoje olhar para o futuro, para onde ha de ser dirigida pelos trabalhos scientificos.

Esta concepção não é uma «innovação inadmissivel que annula irremediavelmente o espirito» que a adopta, salvo se o articulista não tem pejo de affirmar que Goethe, um dos primeiros innovadores, foi um poeta mediocre!...

O artigo já vaé longo; e como não pretendemos tractar extensamente a demonstração da necessidade da poesia philosophica, limitamo-nos a transcrever alguns periodos de E. Véron, nos quaes o articulista tem de certo muito que aprender.

«Quando o poeta—diz este escriptor na sua *Esthétique*—juncta ás faculdades especiaes d'artista a elevação e grandiosidade de pensamento, parece-nos duplamente grande e a sua obra ganha com isto um augmento de pujança.

É difficil imaginar poesia que possua um encanto mais humano, mais sincero do que a d'Alfredo de Musset. Nesta parte, parece não temer confrontos.

Mas, quando se compara á de Victor Hugo, sente-se immediatamente que lhe falta alguma cousa, que é precisamente a elevação do espirito.

A poesia de Victor Hugo adquire, só pela grandeza da idéa, uma superioridade immensa.

Musset deve agradar mais aos que procuram sobre tudo na poesia o deleite que os *dilletanti* consideram como o fim supremo de todas as artes.

Não se póde ler Victor Hugo, sem que á admiração pela obra se ajuncte a alegria intima e profunda de encontrar no poeta o pensador que se dedica ao estudo de todos os problemas que interessam a humanidade.

«As idéas, em summa, têm a sua poesia como os sentimentos e não ha razão para que a arte despreze esta fonte de emoções.» E mais adiante diz que, por mais que o contestem os amadores exclusivos da antiguidade, a explicação do mundo pelas novas investigações scientificas não poderá deixar de exaltar a imaginação dos poetas.

Continue, pois, o sr. Luiz de Magalhães a produzir versos como a *Astarteia*, o *Ideal d'Amor*, a *Lenda da Verdade*, etc., que, ao mesmo tempo que nos interessam o sentimento, conseguem despertar-nos a intelligencia pelas concepções scientificas.

Ao terminar, notar-lhe-hemos que nos parece que a sua tendencia é demasiado naturalista: desejavamos que a sua musa se preocupasse tambem com os graves problemas sociaes que agitam a humanidade.

Esta direcção completava o seu trabalho e dava ás suas poesias um character perfeitamente de actualidade.

Era a arte evangelizando os resultados da sciencia.

JOÃO PINTO.

## II

O MANDARIM, por Eça de Queiroz—Ernesto Chardron,  
editor—1880—um volume.

### PROLOGO

«1.º amigo—(bebendo Cognac e Soda, debaixo d'arvores, num terço á beira d'agua).

*Camarada, por estes calores do estio que embotam a ponta da Sarcacidade, repousemos do aspero estudo da Realidade humana... Par-*

tamos para os campos do Sonho, vaguear por essas azuladas collinas romanticas onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos frescos recobrem as ruinas do Idealismo... Façamos phantasia!

2.º amigo. — Mas sobriamente, camarada, pacatamente... E como nas sabias e amaveis allegorias da Renascença, misturando-lhe sempre uma moralidade discreta... »

O livro é isto tal e qual. Uma phantasia risonha, alegre, ligeira, que se devora em duas horas, com os pés no fogão, entre um havano e uma chavena de bom Mokka.

Ao chegar-se á ultima pagina, ao lêr-se na ultima linha o *refrain* de Beaudelaire

*hypocrite lecteur, mon semblable, mon frère,*

a gente fica pasmada do que acabou de lêr, cheia de bom humor, como se tivesse tido a felicidade de ser o amigo n.º 2 e ouvisse a Eça de Queiroz todo aquelle espirituoso cavaco.

É que neste livro o Eça de Queiroz das *Farpas* renasce. É o mesmo com as suas *boutades* excentricas, com a sua palêta de uma sensibilidade sem rival, que nos faz rir desafogadamente em 180 paginas entre as estranhas peripecias de um *embroglio* adoravel.

Aquella *chinoiserie* exotica, patusca, é um perfeito *pagode* — em portuguez. Um ammanuense que, tentado pelo Demonio, mata, tocando uma campainha em Lisboa, um mandarim na China, para lhe herdar os milhões, e que, finalmente, se vê sempre perseguido pela visão mortificadora do mandarim defuncto abraçado ao seu papagaio de papel, que armava no momento de morrer — eis todo o enredo. Este risonho disparate é o pretexto para algumas paginas vibrantes e portentosas de um estylo original e fecundissimo, para outros mais em que Queiroz nos dá uma collecção de aquarellas de primeira ordem — algumas das quaes parecem deliciosas estampas chinezas sobre papel de arroz, — e para muitas *tiradas* de um espirito scintillante que corre toda a escala, desde o grotesco da caricatura ao *bon mot* cenceituoso e fino.

O *Mandarim* é um descanso, um desafogo momentaneo no «*aspero estudo da realidade humana*». O eximio observador do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basilio*, depõe por um pouco a lente, com que — como Denner — se auxilia para a execução dos seus quadros, e toma a rir um par d'aquellas antigas bandarilhas aceradas, penetrantes que outr'ora, na companhia de Ramalho, elle sabia tão destramente cravar, com os mais caprichosos *cambios* do espirito, no cachaço de todo um curro de instituições e personagens.

Que o descanso fôsse propicio no grande romancista — e não nos tarde com a *Capital*.

LUIZ DE MAGALHÃES.

# EXPEDIENTE

---

## EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO

A *Revista Scientifica e Litteraria* sairá regularmente uma vez cada mez e será publicada ás séries de 6 numeros.

Cada numero custa. . . . . 100 réis.

Para simplicidade do expediente pagam-se adiantados tres numeros, responsabilizando-se os Redactores pelo apparecimento do jornal nos mezes pagos.

De todas as publicações, de que se recebam dois exemplares, se fará um annuncio na capa, sempre que os editores ou auctores o requesitem.

---

## EXPEDIENTE DA REDACÇÃO

Como orgão do trabalho mental da presente geração academica, a *Revista* abre a porta a todos os que, nas condições do seu programma, lhe queiram honrar as paginas com a sua collaboração.

Previne-se comtudo que a Redacção reserva-se do direito de modificar os manuscriptos que lhe sejam enviados, todas as vezes que o julgue indispensavel.

Além d'isso, exige-se para a publicação que o artigo venha assignado pelo seu auctor, ainda que não se lhe publique o nome.

A *Revista* fará todo o possivel para dar conta na secção bibliographica das publicações recebidas.

Toda a correspondencia dirigida para a Redacção—Rua da Trindade, 44—COIMBRA.

---

# LUIZ DE MAGALHÃES

## PRIMEIROS VERSOS

1 volume impresso em typo Renascença e Elzevir sobre papel de luxo, na Imprensa Portugueza.

Á venda nas principaes livrarias de *Lisboa, Porto e Coimbra.*

Preço. . . . . 500 réis.

---

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E SCIENCIA

COIMBRA

Publica-se ás séries de 6 numeros.

Preço de cada numero. . . . . 100 réis.

Pagam-se adiantados tres numeros, á distribuição do 1.<sup>o</sup> e do 4.<sup>o</sup> de cada série.

Toda a pessoa de Coimbra ou da provincia, que enviar em estampilhas o valor de um numero, receberá logo o numero requisitado.

Enviando o valor de uma série será considerado como assignante e receberá a *Revista* mensalmente.

---

---